



* Instituto de Cardiologia do Rio Grande do Sul /
Fundação Universitária de Cardiologia (IC/FUC)
Cirurgião Cardiovascular do IC-FUC; Membro da Academia Sul-Riograndense de Medicina

Endereço para correspondência:

Dr. Paulo R. Prates – Unidade de Pesquisa do IC/FUC
Av. Princesa Isabel, 370 Santana Porto Alegre, RS – 90620-001
Fone/Fax.: 51-32303757 prprates@uol.com.br / pesquisa@cardiologia.or.br

Mulheres Médicas

Certas profissões sempre foram consideradas como atividades exclusivas de homens. Nestas estão o sacerdócio, a de militar e a da medicina. No início da profissão, a atividade médica era proibida para mulheres por razões de ordem moral. Na antiga Grécia era proibida por lei, para mulheres e para escravos. Uma mulher chamada Agnodice quebrou esta lei e se tornou, na história, a primeira mulher a exercer a medicina. Segundo o que relata Hyginus em *Fabulae* não foi uma tarefa fácil. (1)

Agnodice vestia roupas de homens e assistia às aulas dedicando-se especialmente à obstetrícia e a ginecologia. As mulheres recusavam a sua assistência até ela mesma declarar que era mulher. Aí sua atividade aumentou, pois mulheres passaram a aceitar seus serviços e isto despertou os ciúmes nos médicos e ela foi acusada de corromper moralmente suas pacientes, uma vez que estes médicos a tinham como um homem. No tribunal frente à acusação, Agnodice retirou suas vestes demonstrando que na realidade era uma mulher. No entanto, apesar de ser inocentada destas acusações ela foi novamente acusada por prática ilegal da medicina uma vez que a lei proibia a atividade para mulheres. As mulheres de Atenas compareceram ao tribunal e diz a lenda ou a história que Agnodice foi absolvida e continuou a exercer a medicina. Estas mulheres teriam dito aos seus esposos: “Vocês são nossos inimigos e não nossos esposos porque estão condenando esta mulher que nos curou”. (Fig. 1)

Nas escolas da Idade Média a entrada de mulheres sempre foi muito difícil. A Escola de Salerno localizada ao sul de Nápoles foi à primeira escola não eclesíastica que surgiu no ocidente após a queda do império romano. Para lá eram atraídos estudantes de todo o mundo desde o século IX. Na Escola de Salerno as mulheres eram admitidas, mas podiam exercer somente a cirurgia ou a atividade de parteiras. Esta dificuldade se estendeu até o século XVIII quando Dorothea Erxleben conseguiu o certificado de médica na era clássica das escolas de medicina. Nascida em 1715, foi instruída por seu pai na arte médica, mas para poder exercer a profissão deveria estudar medicina numa época em que as universidades não admitiam mulheres. Ela lutou por este objetivo e em 1741 procurou o Imperador Frederico, o Grande, da Prússia dizendo dos seus direitos e conseguindo deste a aprovação para cursar a escola médica. “Aqui está minha dissertação. Permitam que a defenda na Universidade. Deixe-me fazer os exames”. Os mestres debateram por um ano. Pode uma mulher praticar a medicina? São as mulheres suficientemente inteligentes a ponto de serem médicas? Em 1754 ela conseguiu seu diploma na Universidade de Halle, na Alemanha aos 39 anos de idade. É considerada como a primeira

mulher a receber o diploma de médico. Somente em 1901 outra mulher foi graduada em medicina em Halle. (Fig. 2).

No Brasil, logo após a chegada de D. João VI e a família Real Portuguesa em 1908 foi fundada a Escola de Cirurgia da Bahia que seria a primeira Faculdade de Medicina do Brasil. Logo após sua chegada ao Rio de Janeiro foi criada em 5 de novembro de 1808 a Escola de Anatomia, Medicina de Cirurgia do Rio de Janeiro, mas somente em 1826 foi autorizada pelo Imperador D. Pedro I a emitir diplomas e certificados aos médicos que faziam o curso no Brasil. A transformação em Faculdade de Medicina se deu em 1832, no entanto até 1879 as mulheres eram proibidas de frequentar estes cursos no Brasil. A solução era prestar exames em outros países onde não existia esta proibição. Esta foi a atitude tomada por Maria Augusta Generosa Estrela que se tornaria a primeira médica brasileira (2). (Fig. 3)

Vendo em um jornal da época a foto de uma jovem que estudava medicina em Nova York decidiu que a profissão médica seria o seu objetivo. Logo tomou conhecimento da proibição que existia no Brasil quanto à entrada de mulheres nas Escolas de Medicina. Decidiu que estudaria fora do Brasil e em março de 1875 partiu para Nova York onde prestou exame na *New York Medical College and Hospital for Women*. Encontrou dificuldades pois a idade exigida era de dezoito anos e ela tinha dezesseis. Apesar disto conseguiu junto a Congregação da mesma a aprovação para prestar exames onde foi aprovada. A história conta que frente à dificuldade financeiras de seu pai o Imperador D. Pedro II assinou um decreto em 1877 concedendo ajuda financeira para que ela finalizasse seus estudos. Em 29 de março de 1881 formou-se em medicina no *New York College and Hospital for Women*.

Por um decreto em 19 de abril de 1879 D. Pedro II, talvez inspirado no esforço de Maria Augusta, abriu as portas das Faculdades de Medicina para as mulheres: “é facultada a inscrição aos indivíduos do sexo feminino, para os quais haverá nas aulas lugares separados”.

Após a formatura e regressando ao Brasil solicitou audiência com o Imperador para agradecer sua ajuda.

Prestou exames na faculdade de Medicina do Rio de Janeiro em 1882 para validar seu diploma conforme determinava a lei. Nesta ocasião já encontrou várias jovens já matriculadas no curso.

Morreu em 1946 aos 86 anos de idade.

Com a nova legislação as mulheres procuraram a profissão médica. A primeira mulher a receber o diploma de médica no Brasil foi a gaúcha Rita Lobato Velho Lopes. (3,4) Nascida na cidade de Rio Grande no ano de 1866. A Faculdade de Medicina de Porto

Alegre fundada em 1898 foi a terceira fundada no país depois da Faculdade da Bahia e a do Rio de Janeiro. Foi resultado da união dos cursos de Farmácia e de Partos. (Fig. 4)

A equiparação da Faculdade de Porto Alegre às demais existentes no país foi concedida pelo governo federal em 1900, após a uniformização dos seus programas de ensino com os da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. A incorporação oficial da Faculdade de Medicina à Universidade de Porto Alegre (depois Universidade Federal do Rio Grande do Sul) se dá em 1936.

Rita matriculou-se na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro onde seu irmão cursava Farmácia, mas transferiu-se para a Faculdade de Medicina da Bahia. A Faculdade completava 80 anos e nunca tinha admitido uma mulher. Formou-se em 1887 defendendo a Tese: “Paralelo entre os métodos preconizados na operação cesariana”. Havia um erro cometido pela imprensa do Rio de Janeiro que dava a Maria Augusta Genorosa Estrela o lugar de primeira médica formada no Brasil. Na realidade ele havia se formado em Nova York e validado seu diploma na Faculdade de Medicina no Rio de Janeiro. O médico e historiador baiano corrigiu este erro escrevendo a biografia da Dr^a. Rita tendo viajado ao nosso estado em 1950 para colher dados para seu livro.

Rita Lobato exerceu sua atividade em Rio Pardo onde também foi vereadora em 1934 e também em Jaguarão e Porto Alegre. Faleceu em 1954 aos 88 anos de idade.

Elizabeth Blackwell nasceu em 1821, em Bristol na Inglaterra. Em 1832 mudou-se com sua família para os Estados Unidos. Lá decidiu tornar-se médica baseada na idéia de que as mulheres preferiam uma mulher a quem contar seus problemas de saúde (4) (Fig. 5). Os Blackwells eram de religião Quakers que ensinava que homens e mulheres eram iguais aos olhos de Deus e isto a ajudou na decisão tomada. Em 1847 iniciou sua procura por uma Escola de Medicina que a aceitasse com estudante. Foi rejeitada por todas as principais Faculdades de Medicina do país. Quando sua solicitação chegou a *Geneva Medical College* em Geneva, Nova York o administrador perguntou aos estudantes se ela deveria ou não ser aceita. Estes, pensando que este seria um bom motivo para divertimento, concordaram com sua aceitação. No entanto a seriedade e a conduta de Elizabeth mudaram o comportamento dos colegas em relação a ela como mulher. Em 1849 terminou seu curso tornando-se a primeira mulher na América a receber o diploma de médico.(3)

Em 1869 ela voltou para a Inglaterra onde com Florence Nightingale, pioneira da profissão moderna de enfermagem, fundou o *Women's Medical College*. Foi também a primeira médica com registro na Grã-Bretanha. Faleceu em 1910 aos 89 anos de idade.

Muitas são as mulheres que se destacaram na atividade médica durante a história desde Agnódice. Falamos naquelas que foram as primeiras, mas seria difícil descrever tudo aquilo que as mulheres acrescentaram no desenvolvimento da medicina. A vida de uma delas me emociona em particular. Poderia esta emoção ser devida ao fato dela ser cardiologista e mais apropriadamente cardiologista de crianças e até poderia ser por sua intensa ligação com a cirurgia cardíaca, mas o que de fato me leva a escrever sobre a vida desta médica é sua obstinação na procura de um ideal vencendo as dificuldades que surgiam, algo semelhante a grega Agnódice e as nossas pioneiras.

Helen Brooke Taussig nasceu em Cambridge no ano de 1898. Foi uma criança débil, sofrendo de tuberculose o que a dificultava freqüentar a escola. Além desta doença tinha dislexia. Apesar destas dificuldades completou a Cambridge School para meninas em 1917 e então dois anos no *Radelif College* antes

de conseguir seu Bacharelado na Universidade da Califórnia em Berkeley em 1921. Tentou freqüentar Harvard, mas nesta época a Universidade não admitia mulheres. Freqüentou então um curso de anatomia na Universidade de Boston onde impressionou seus professores sendo aconselhada a se matricular na *Johns Hopkins University in Baltimore*, Maryland, uma das poucas Escolas de Medicina que aceitavam mulheres como estudantes. Iniciou seus estudos em medicina em 1923 sendo graduada *Medical Doctor (MD)* em 1927. Apesar da perda da audição que se manifestou escolheu a cardiologia pediátrica como especialidade. Sua especial sensibilidade e o agudo senso de observação a levou ocupar uma posição de destaque na especialidade. Em 1930 foi indicada para chefiar a clínica do Professor Edwards A. Park na Harriet Lane Home, posição que ocupou até 1963 (5). (Fig. 6)

Dr^a.Taussig interessou-se no estudo da Febre Reumática e das Cardiopatias Congênitas e nestas particularmente nas Cardiopatias Cianóticas. Porque algumas crianças cianóticas sobrevivem alguns dias e outras meses e até anos, questionava a si mesma. Ela sabia que as crianças nasciam com o canal arterial funcionante e que este fechava em algum tempo. Na base da observação clínica notou que em algumas crianças a cianose se tornava progressivamente mais grave e que isto coincidia com o fechamento do canal arterial. Sabendo que o Dr. Robert E. Gross no *Children's Hospital* em Boston havia ligado com sucesso o canal arterial persistente em um paciente de sete anos, viajou para lá com a idéia de sugerir a ele a construção cirúrgica de um canal arterial nestas crianças. Conta-se que o Dr. Gross teria lhe respondido: “Madame eu fecho canais arteriais, eu não fabrico novos canais arteriais”. Voltou a Baltimore e procurou então o Dr. Alfred Blalock que havia chegado na *Johns Hopkins* em 1941. Anos antes em Vanderbilt e com a assistência do técnico Vivien Thomas tentava produzir hipertensão pulmonar em cães com uma anastomose da artéria subclávia na pulmonar. Taussig sugeriu a Blalock que a construção de um canal arterial seria a solução para a anoxia das crianças com Tetralogia de Fallot. A anastomose tentada em Vandebilt seria a solução. Após muito trabalho em animais no laboratório a cirurgia foi realizada em novembro de 1944 em uma paciente de 15 meses de idade. A paciente sobreviveu por seis meses. Uma segunda cirurgia foi realizada em fevereiro de 1945 em uma menina de 11 anos que sobreviveu demonstrando a sobrevida em um procedimento cirúrgico que salvaria a vida de milhares de crianças em todo o mundo.

Em maio de 1945 Blalock e Taussig publicaram no *Journal of the American Medical Association* o artigo “*The surgical Treatment of Malformations of the Heart*” levando ao conhecimento do mundo a técnica que levaria os seus nomes. Em 1949, mais de 1000 cirurgias de Blalock-Taussig já haviam sido realizadas na *Johns Hopkins University* em Baltimore.

“A criança tem uma cor adorável agora”.

O sucesso da operação trouxe o reconhecimento a Helen Taussig que lia os lábios e auscultava com os dedos os seus pequenos pacientes sendo considerada como a fundadora da Cardiologia Pediátrica.

Em 1964 Taussig recebeu a “*Medal of Freedom*” do Presidente Lyndon Johnson e em 1965 se tornou a primeira mulher presidente da “*American Heart Association*”.

Faleceu em maio de 1986 quatro dias antes de completar 88 anos de idade.



Figura 1. Agnodice (300 aC)



Figura 3. Maria Augusta Generosa Estrela (1860 – 1946)



Figura 2. Dorothea Christiane Erxleben (1715-1762)



Figura 4. Rita Lobato (1866-1954)



Figura 5. Elizabeth Blackwell (1821-1910)



Figura 6. Helen Brooke Taussig (1898-1986)

BIBLIOGRAFIA

1. Gale T. Encyclopedia of World Biography. Agnodge. Detroit: Gale;2005-2006.
2. Silva A. A primeira médica do Brasil. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti ; 1954.
3. NetsaberBiografias. Rita Lobato Velho Lopes. Disponível na web: http://biografias.netsaber.com.br/ver_biografia_c_2371.html Acessado em 18/11/2008.
4. Rezende JM. O machismo na História do Ensino Médico. Disponível na Web: <http://usuarios.cultura.com.br/jmrezende/machismo.htm> Acessado em 14/09/2008.
5. McNamara DG, Manning JA, Engle MA. Whittemore: "Helen Brooke Taussig: 1898 to 1986.", J Am Coll Cardiol 1987;10(3): 662-71.
6. Lewis JJ. Encyclopedia of Women's History. Boston Female Medical College. About.com: Women's history. Disponível na web: http://womenshistory.about.com/od/physicians/a/boston_medical.htm Acessado 18/11/2008.